

Pesquisadores e biólogos acreditam que hantavirose sempre existiu, apesar de ter sido diagnosticada pela primeira vez há pouco mais de uma década. Vírus evoluiu junto com roedores silvestres

Doença passou despercebida

A HANTAVIROSE

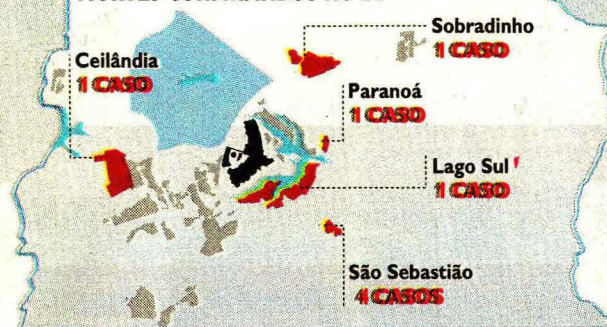
É uma infecção provocada pelo hantavírus, que se hospeda em roedores silvestres. Cada espécie de roedor transmite especificamente um tipo de vírus.

Os hantavírus já classificados até hoje se dividem basicamente pela forma de ataque no corpo humano:

Os descobertos na região da Eurásia atacam os rins

Os americanos, atingem os pulmões.

MORTES CONFIRMADAS NO DF



JOÃO RAFAEL TORRES
DA EQUIPE DO CORREIO

Um pequeno roedor, com menos de 90 gramas, é capaz de transformar a realidade da saúde pública de uma cidade e deixar em alerta os habitantes de uma região. A hantavirose, infecção propagada pelas secreções de ratos silvestres, ainda é uma novidade para a maioria dos médicos por ter sido diagnosticada há pouco mais de uma década. Dados oficiais mostram que a doença matou oito pessoas no Distrito Federal nos últimos dois meses. Mas, na realidade, pesquisadores acreditam que o número de vítimas deve ser muito maior do que o contabilizado pela Secretaria de Saúde. A avaliação é de que outras mortes devem ter passado despercebidas pela falta de diagnóstico.

Os primeiros casos de hantavirose nas Américas surgiram em 1993. No começo daquele ano, a doença foi diagnosticada nos Estados Unidos e, meses depois, surgiram as primeiras manifestações no Brasil. Mas o mal parece ser muito mais antigo. Estudos apontam que as espécies de hantavírus evoluíram juntamente com os roedores.

Pesquisas

A principal fonte de informações sobre a doença na atualidade é o Instituto Adolfo Lutz (IAL), de São Paulo. O laboratório foi o primeiro a participar dos estudos sobre a hantavirose, a convite do Center of Disease Control and Prevention (CDC) — organismo internacional para o controle e prevenção de doenças. Desde então, pesquisadores do IAL se dedicam a estudar a ação dos hantavírus e treinar especialistas da área de saúde para combater o avanço de novos casos da doença no país.

De acordo com a bióloga e pesquisadora Akemi Suzuki, chefe da Seção de Investigação de Vírus Transmitidos por Artrópodes do IAL, a incidência da hantavirose no Distrito Federal não pode ser considerada uma epidemia. "A doença não é nova, como a dengue, que chegou ao Brasil na década de 80. Por isso não há como falar em uma propagação de casos", explicou. Segundo ela, a diferença está no empenho pelo diagnóstico de pacientes suspeitos. "Por ter se tornado prioridade na rede pública de saúde, é natural que as investigações cheguem a novos casos."

Araraquara

Estudos apontam mostram que o roedor que transmite a doença no DF é o *Bolomys lasiurus*, espécie que vive no cerrado. Alguns exemplares capturados por técnicos do IAL na zona rural apresentaram contaminação por hantavírus. O tipo do vírus ainda não está comprovado, mas pode ser o Araraquara, que recebeu este nome por ter sido descoberto na cidade paulista.

O biólogo Luiz Eloy Pereira, que pesquisa o avanço do hantavírus pelo IAL, explica que o avanço da hantavirose pode estar ligado ao desequilíbrio da cadeia alimentar, por conta da diminuição do número de predadores naturais dos roedores, que tendem a se multiplicar. Sem comida, os animais migram para áreas habitadas pelo homem em busca de alimento. "Os transmissores são silvestres. A aproximação do ambiente doméstico é sinal de algum tipo de deficiência na cadeia."

Quase todas as unidades da Federação já tiveram casos comprovados da doença. Atualmente, os principais casos investigados estão no DF, Goiás, Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo. Não existe uma vacina preventiva. Nem um remédio específico para o tratamento da hantavirose. O combate à infecção depende do organismo de cada paciente. O papel dos médicos é controlar os sintomas, como febre, dores musculares e dificuldade respiratória.

NO BRASIL

Aqui se manifestam com mais intensidade três tipos da doença. A distinção está associada ao habitat do roedor:

- O hantavírus *Castelo dos Sonhos* está ligado à floresta amazônica.
- O *Araraquara*, ao cerrado.
- E o *Juquitiba* à Mata Atlântica.

Até agora, amostras apontam que o hantavírus que ataca no Distrito Federal é o *Araraquara*.

COMO OCORRE O CONTÁGIO

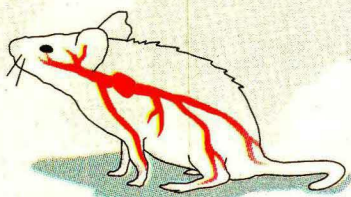
1 O *Bolomys lasiurus* é um roedor silvestre, que vive no cerrado. O bicho é pouco maior que um camundongo e tem coloração parda, com alguns pelos cor de ferrugem. A cauda é mais curta que a dos ratos domésticos e tem pelos. Ele tem uma auréola de pelos cor de ferrugem ao redor dos olhos.

Bolomys lasiurus

O RATO E O VÍRUS

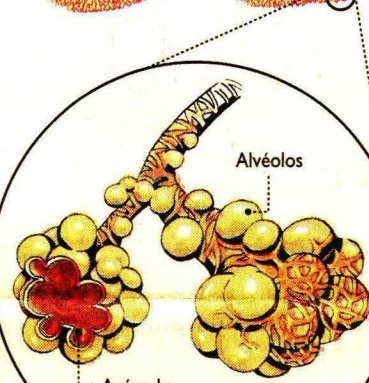
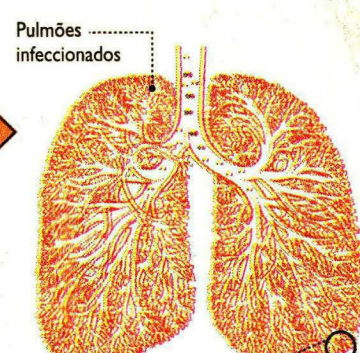
A incidência dos roedores silvestres em ambientes domésticos é uma questão esporádica. Normalmente, eles vivem nas matas, onde constroem galerias embaixo da terra. Os animais só se aproximam das casas e depósitos para buscar alimentos e depois retornam para o cerrado. Só buscam refúgio quando se sentem acuados.

Nem todos os roedores estão contaminados pelo hantavírus. Em geral, o contágio entre os animais se dá na disputa por território, quando os ratos ferem uns aos outros. Quando contaminados, os ratos desenvolvem anticorpos na medida certa para resistir à doença, mas que não eliminam o vírus. Por isso são considerados hospedeiros.



4 O vírus pode ficar de quatro a 42 dias em período de incubação, antes de surgirem os primeiros sintomas da hantavirose. A infecção ataca principalmente o pulmão.

5 No estágio inicial, a doença pode ser confundida com uma gripe ou pneumonia. O paciente pode apresentar sintomas como febre, dificuldade para respirar, dores musculares, dor de cabeça, tosse, dores nas costas, falta de ar e ânsia de vômito.



3 Depois de secas, as secreções se misturam com a poeira. Ao respirá-la, acontece o contágio.

Poeira

Fezes do roedor

2 A principal forma de transmissão da hantavirose no DF é pela inspiração do vírus depositado nas fezes, urina e saliva dos roedores.

6 Quando a doença avança, os alvéolos infectados dos pulmões ficam encharcados de água.

A hantavirose pode levar à morte em até 48 horas. A evolução da doença depende da rapidez no diagnóstico e da resistência do organismo do paciente.

7 O histórico da hantavirose mostra que metade dos pacientes morrem.

O TRATAMENTO

■ Quando o paciente é internado com suspeita de hantavirose, os médicos seguem um protocolo de atendimento. Em primeiro lugar, são feitos exames de sangue e raios-x do pulmão.

■ Não existe remédio específico para combater a hantavirose, nem vacina para evitá-la. O tratamento é feito com remédios para combater os sintomas da infecção, como controlar a febre e a presença de líquido nos pulmões.

■ A recuperação do doente depende da resistência do organismo do paciente. A sobrevivência diz respeito à produção de anticorpos para o combate ao vírus.